

AS IDÉIAS DISTORCIDAS

Luiz Carlos Bresser Pereira

(*O Estado de S.Paulo*, 18/4/95)

Abstract: Distorcer as idéias dos entrevistados é um mal endêmico da imprensa em todo mundo. Raramente isto ocorre por má fé. Geralmente é por falta de compreensão do jornalista, ou por falta de clareza de quem comunicou. O presidente Fernando Henrique Cardoso tem sido uma vítima constante desse problema. Na campanha atribuíram a ele uma frase que jamais pronunciou: “esqueçam tudo o que escrevi”. Como, de fato, o presidente e a grande maioria de seus amigos realizou nos anos 80 uma necessária transição intelectual de posições de esquerda nacionalistas para posições de centro-esquerda voltadas para o interesse nacional e a social-democracia, a frase parecia fazer sentido. Na verdade, era uma tolice que Fernando Henrique jamais diria.

Distorcer as idéias dos entrevistados é um mal endêmico da imprensa em todo mundo. Raramente isto ocorre por má fé. Geralmente é por falta de compreensão do jornalista, ou por falta de clareza de quem comunicou. O presidente Fernando Henrique Cardoso tem sido uma vítima constante desse problema. Na campanha atribuíram a ele uma frase que jamais pronunciou: “esqueçam tudo o que escrevi”. Como, de fato, o presidente e a grande maioria de seus amigos realizou nos anos 80 uma necessária transição intelectual de posições de esquerda nacionalistas para posições de centro-esquerda voltadas para o interesse nacional e a social-democracia, a frase parecia fazer sentido. Na verdade, era uma tolice que Fernando Henrique jamais diria. Não há ninguém mais legitimamente orgulhoso de sua produção intelectual - que, aliás, jamais foi radical - do que ele mesmo.

Uma das características do pensamento de Fernando Henrique, entretanto, é seu caráter dialético. Ele fala e escreve admiravelmente, mas não o faz de forma linear. Pelo contrário, coloca sempre as idéias na história, examina suas contradições, e as analisa sempre sobre diversos ângulos, já que, para um pensamento dialético, a verdade é multifacetada e em constante mudança.

Anteontem, ao falar na abertura de um seminário sobre a lei de licitações de serviços públicos, Fernando Henrique pronunciou um notável discurso. Mas seu pensamento dialético e criativo deu novamente oportunidade para interpretações equivocadas, como aquela de Maurício Dias, neste JB. O jornalista escreveu uma nota na página 3, com o título, “O fim da teoria”, no qual afirma taxativamente que “pela primeira vez o presidente Fernando Henrique

Cardoso renega - sem possibilidade de contestação - as teorias que fizeram sua fama e o elevaram à categoria de ‘príncipe da sociologia brasileira’”.

Eu estava presente ao discurso, conheço intimamente as idéias do presidente sobre a “teoria da nova dependência”, que ele expôs de forma definitiva no livro com Enzo Faletto *Dependência e Desenvolvimento da América Latina*, publicado originalmente em espanhol em 1969. Este livro é um marco do pensamento latino americano. Nele, Fernando Henrique foi capaz de antecipar de forma brilhante as transformações que estavam ocorrendo no mundo e em particular na América Latina. Nesse sentido, seu livro constitui-se em uma forte crítica à “teoria do imperialismo”, que explicava o subdesenvolvimento da região em função da exploração das grandes potências, que se oporiam à industrialização do Brasil. Nos anos 60 essas idéias começam a ser discutidas por alguns intelectuais, mas aquele que mais plenamente compreendeu a natureza da mudança em curso - mudança que levaria à atual globalização da economia - foi Fernando Henrique.

Em seu discurso, foi precisamente isto que ele disse. Disse, literalmente, que “Não se percebia que o mundo estava mudando... escrevi um livro. E nesse livro tivemos que inventar um conceito, aliás impróprio. Dizíamos: estava havendo a internacionalização do mercado interno. Hoje, chama-se globalização. Eu escrevi isto em 1966,67...”

Em outras palavras, o presidente havia percebido com clareza, ainda que de forma incompleta, a grande mudança que estava ocorrendo no mundo. Mudança que, segundo ele “vinte anos depois é que a sociedade tomou conhecimento”. Não a viu então completamente - afinal ninguém poderia fazê-lo. Por isso disse que “eu vi uma meia-verdade. Não eram só os mercados, era o sistema produtivo (que se internacionalizava).”

Mas não ver toda a verdade, não ser capaz de predizer tudo o que iria ocorrer, não significa que a pessoa tenha abandonado suas teorias. Na verdade o que o presidente nos disse foi que percebeu com grande antecedência a mudança. Essa é a função dos grandes intelectuais.. Percebeu boa parte da mudança, não toda. Percebeu a natureza básica dela, o fato de que as empresas multinacionais não se opunham mas à industrialização na periferia do mundo desenvolvido, mas estavam participando dela; percebeu que as idéias do velho imperialismo estavam superadas; percebeu que na nova dependência havia distorções provocadas pelas novas relação entre o centro e a periferia, mas que não se tratava mais de impedir a nossa industrialização. Tudo isto Fernando Henrique percebeu no final dos anos 60. Como também percebeu que havia agora uma “nova” dependência, uma dependência de outra natureza, na medida

que a associação política que então havia entre as multinacionais e o regime militar facilitavam a concentração de renda e fortaleciam o regime autoritário.

Não existe, portanto, nenhum “fim de teoria”. Houve, nos anos 60, o desenvolvimento de uma teoria que, quase 30 anos depois, está sendo aplicada no governo. Uma teoria que percebeu a globalização do mundo. Uma teoria que percebeu não havia, intrinsecamente, conflitos de interesses entre o Brasil e as grandes potências. Uma teoria que percebeu que o velho nacionalismo anti-imperialista estava morto, e que um novo nacionalismo, baseado no interesse nacional, examinado caso a caso, surgia. Uma teoria que mostrava que ser progressista e de esquerda não significavam mais ser contra “o capital estrangeiro” que nos oprimiria, mas a favor do desenvolvimento do Brasil; uma teoria que mostrava que nós não éramos mais tão fracos e pequenos e que podíamos perfeitamente negociar nossos interesses com o resto do mundo. Uma teoria que mostrava que, embora ainda não plenamente desenvolvidos, somos um país capaz de competir internacionalmente, e de conviver de maneira frutífera não apenas com a América Latina e particularmente o Mercosul, mas também com o mundo desenvolvidos, com o qual precisamos negociar ao invés de temer.